

## **EFEITOS DA CRISE ECONÔMICA NA SITUAÇÃO DO TRABALHADOR DA CONSTRUÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE**

*A persistência da crise econômica continuou a impactar negativamente no mercado de trabalho em 2017, com redução da ocupação, aumento de relações trabalhistas precarizadas e perda de rendimentos.*

*No mercado de trabalho da região metropolitana de Porto Alegre isso também ocorreu, variando de intensidade entre os diversos setores econômicos. A Construção, importante para absorção de mão de obra, continuou praticamente estagnado quanto ao nível de ocupação nos últimos anos, mas viu piorar as condições daqueles trabalhadores que continuam nesse setor. Menos pessoas contribuindo para a previdência social, menos trabalhadores em empregos protegidos e perda de rendimentos são alguns exemplos do que foi constatado na análise do setor em 2017.*

*Esta edição do Boletim Trabalho e Construção – Região Metropolitana de Porto Alegre – apresenta informações sobre a absorção da força de trabalho, remunerações e formas de inserção ocupacional na Construção. A partir dos dados da PED detalhados para as três divisões que compõem o segmento – Construção e Incorporação de Edifícios, Obras de Infraestrutura e Serviços Especializados para a Construção - procura, especificamente, identificar as mudanças mais recentes nesse setor, acompanhando os desdobramentos da crise econômica no mercado de trabalho regional.*

*Acesse o conjunto de indicadores sobre a ocupação na Construção na Região Metropolitana de Porto Alegre e em outras regiões em:*

<https://www.dieese.org.br/analiseped/ped.html>

## Ocupação no setor da Construção pouco variou nos últimos anos

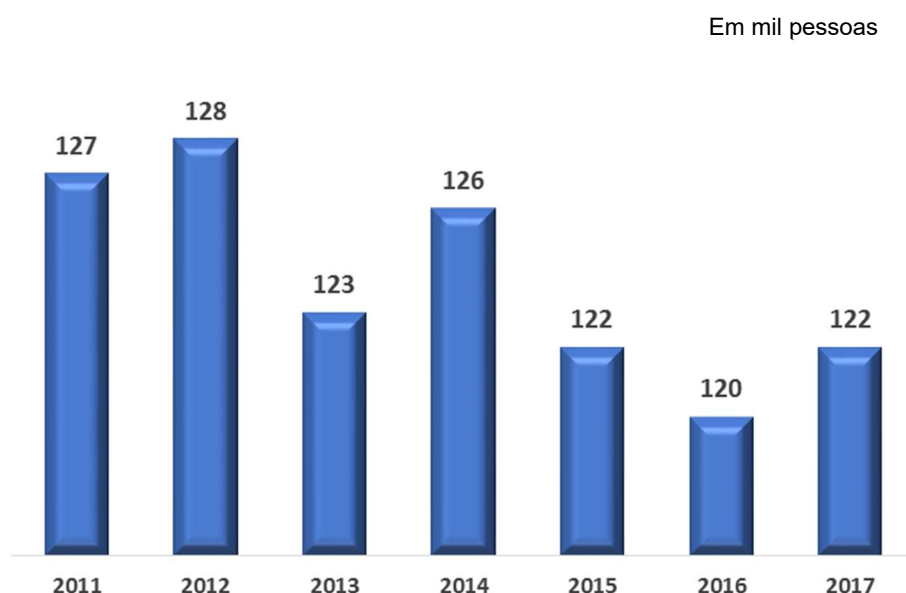
O nível de ocupação da Construção na região metropolitana de Porto Alegre teve pequena elevação em 2017 (2 mil pessoas), totalizando 122 mil pessoas, após atingir o menor valor da história recente em 2016 – 120 mil trabalhadores. Voltou, assim, ao patamar de 2015 (Gráfico 1).

Ainda que o setor também tenha sofrido os efeitos da crise econômica, a

redução em relação aos anos anteriores foi relativamente pequena. Na comparação com 2012, ápice recente da ocupação no setor, a redução foi de 4,7% (-6 mil pessoas), e em relação a 2013, maior nível de ocupação da região metropolitana, quase não houve variação (-1 mil pessoas).

### GRÁFICO 1

**Estimativa do número de ocupados<sup>(1)</sup>, no trabalho principal, no setor da construção<sup>(2)</sup>  
Região Metropolitana de Porto Alegre – 2011 a 2017**



Fonte: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTAS, SEADE, DIEESE e apoio FAT/MTb

Elaboração: DIEESE

Notas: (1) População ocupada com 14 anos ou mais

(2) Seção F da CNAE 2.0 Domiciliar

Embora pequena, essa elevação no número de ocupados na Construção foi no sentido contrário ao conjunto da ocupação na região, que diminuiu 3,6%, atingindo o total de 1.627 mil ocupados (-60 mil pessoas em relação a 2016).

O setor que teve o melhor desempenho em 2017 foi o Comércio e reparação de veículos (1,8%), seguido pela Indústria de

transformação (1,1%). Já o setor de Serviços (-7,6%) foi o responsável pelo resultado negativo da região como um todo.

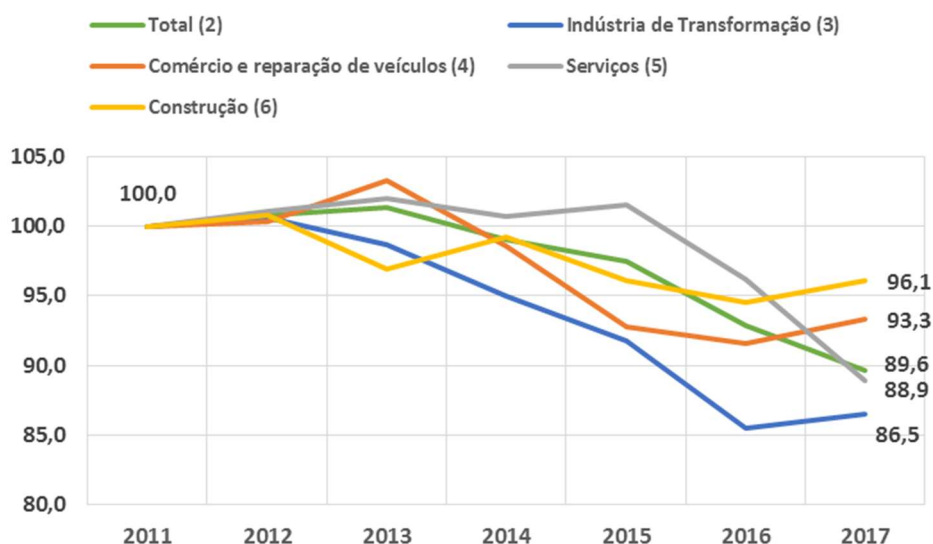
Em relação a 2011, todos os setores apresentam redução da ocupação, especialmente a Indústria (-13,5%), Serviços (-11,1%), Comércio (-6,7%) e Construção (-3,9%). Na região metropolitana, o nível da

ocupação diminuiu 10,4% (Gráfico 2) nesse período.

## GRÁFICO 2

Índice do nível de ocupação<sup>(1)</sup>, no trabalho principal, por setores de atividade  
Região Metropolitana de Porto Alegre – 2011 a 2017

2011 = 100



Fonte: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTAS, SEADE, DIEESE e apoio FAT/MTb

Elaboração: DIEESE

Notas: (1) População ocupada com 14 anos ou mais

(2) Inclui agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (Seção A); indústrias extrativas (Seção B); eletricidade e gás (Seção D); água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (Seção E); organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais (Seção U); atividades mal definidas (Seção V). As seções mencionadas referem-se à CNAE 2.0 domiciliar.

(3) Seção C da CNAE 2.0 domiciliar.

(4) Seção G da CNAE 2.0 domiciliar.

(5) Seções H a T da CNAE 2.0 domiciliar.

(6) Seção F da CNAE 2.0 domiciliar.

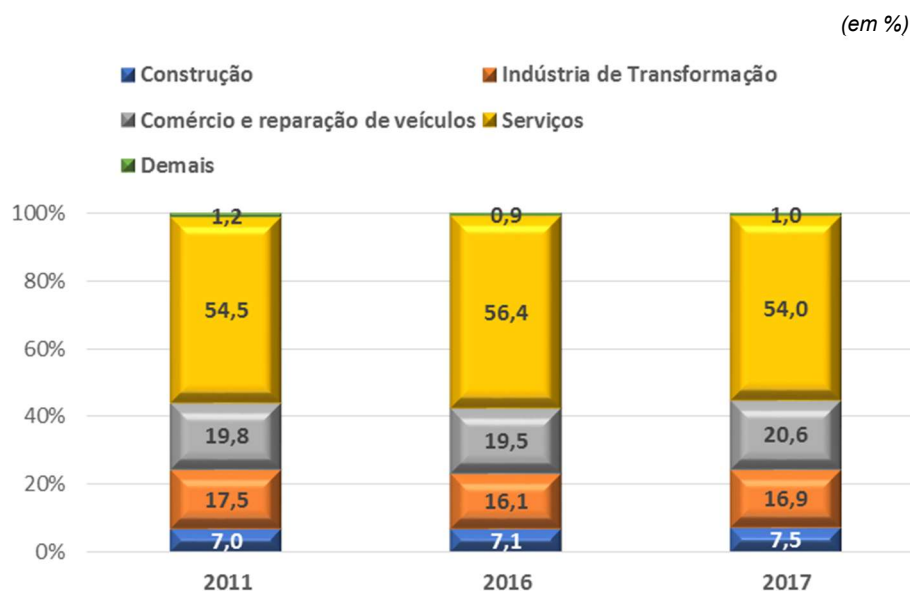
Como resultado dessas movimentações, a proporção de ocupados na Construção em relação ao total ficou em 7,5%, apresentando uma elevação na comparação com 2016 (7,1%) e atingindo o maior valor desde 2011 (Gráfico 3).

Em 2017, a maior parte dos ocupados estava no setor de Serviços (54,0%), embora tenha diminuído de tamanho em relação ao ano anterior (56,4%) e atingido o menor patamar da série. Em seguida, os setores que

mais absorviam trabalhadores eram Comércio (20,6%) e Indústria (16,9%). Esses dois setores aumentaram de tamanho muito mais em função da redução acentuada nos Serviços (diminuição de 72 mil ocupados) do que pelas suas próprias elevações. A Indústria, inclusive, estava reduzindo de tamanho de forma quase constante desde 2011, quando absorvia 17,5% de todos os ocupados da região, mas voltou a elevar sua parcela em 2017.

**GRÁFICO 3**

**Distribuição dos ocupados, no trabalho principal, por setor de atividade  
Região Metropolitana de Porto Alegre – 2011 a 2017**



Fonte: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTAS, SEADE, DIEESE e apoio FAT/MTb  
Elaboração: DIEESE

### **Eleva-se a ocupação na divisão Construção e Incorporação de Edifícios**

A divisão Construção e Incorporação de Edifícios continuou sendo a que mais absorveu trabalhadores, totalizando 95 mil ocupados, maior nível desde 2012. Em 2017, houve aumento de 7 mil pessoas (8,0%) em relação ao ano anterior. No total, essa divisão representava 77,8% de todos os ocupados na Construção (Tabela 1).

Já a divisão Serviços Especializados para Construção diminuiu de tamanho, totalizando 25 mil trabalhadores, menor nível desde 2013, e representando 20,5% do setor

em 2017. Em relação ao ano anterior, houve redução de 4 mil pessoas (-13,8%).

Por fim, a divisão Obras de Infraestrutura continua ocupando poucos trabalhadores, a ponto de não ser estatisticamente mensurável desde 2014.

Não se percebe nenhuma tendência nítida da ocupação nas principais divisões do setor, mas destaca-se o pouco investimento e consequente pouco emprego em obras de infraestrutura na região metropolitana, mais uma vez.

TABELA 1

Estimativa e distribuição dos ocupados no setor da construção, no trabalho principal, por divisões do setor  
Região Metropolitana de Porto Alegre – 2011 a 2017

(em mil e %)

Períodos	Total de ocupados no setor da Construção (1)		Divisões da Construção					
			Construção e Incorporação de Edifícios (2)		Obras de Infraestrutura (3)		Serviços Especializados para Construção (4)	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
2011	127	100,0	100	78,5	6	4,6	21	16,9
2012	128	100,0	96	75,2	8	6,2	24	18,6
2013	123	100,0	92	75,2	8	6,2	23	18,6
2014	126	100,0	91	72,5	(5)	(5)	28	22,6
2015	122	100,0	86	70,7	(5)	(5)	33	26,9
2016	120	100,0	88	73,5	(5)	(5)	29	24,3
2017	122	100,0	95	77,8	(5)	(5)	25	20,5

Fonte: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTS, SEADE, DIEESE e apoio FAT/MTb

Elaboração: DIEESE.

Notas: (1) Seção F da CNAE 2.0 domiciliar.

(2) Divisão 41 da CNAE 2.0 domiciliar.

(3) Divisão 42 da CNAE 2.0 domiciliar.

(4) Divisão 43 da CNAE 2.0 domiciliar.

(5) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

### Proporção de trabalhadores da Construção em empregos protegidos atinge menor patamar, enquanto o do conta própria é o maior da série

A proporção de trabalhadores da Construção considerados em empregos protegidos – os assalariados com carteira de trabalho assinada, dos setores privado e público, e os servidores públicos estatutários – reduziu pelo segundo ano consecutivo, atingindo 34,4% dos ocupados do setor em 2017 (redução de 2,5 pontos percentuais em relação a 2016), o menor patamar desde 2011 (Gráfico 4).

Esse nível é quase a metade do observado nos demais setores de atividade econômica. A proporção de trabalhadores em empregos protegidos nos demais setores atingiu 65,8% em 2017, uma pequena elevação em relação ao ano anterior (0,3 p.p.).

No total da região metropolitana, 59,5% dos trabalhadores ocupados estavam em empregos protegidos em 2017, pequena redução em relação ao ano anterior.

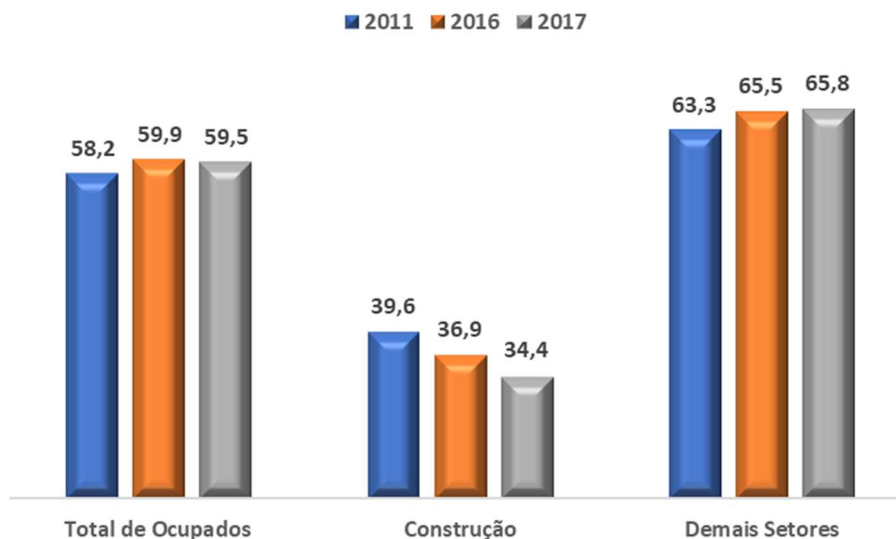
Segundo as divisões, na Construção e Incorporação de Edifícios houve redução de 2,7 p.p., passando de 36,9% para 34,4%, enquanto nos Serviços Especializados houve redução de 0,4 p.p., de 32,5% para 32,1% dos trabalhadores da divisão em empregos protegidos, em 2017 (Tabela 2). Tanto no total do setor quanto nessas duas divisões, o resultado de 2017 é o menor valor das respectivas séries iniciadas em 2011.

#### GRÁFICO 4

Proporção dos ocupados na construção e nos demais setores<sup>(1)</sup> inseridos por meio de emprego protegido<sup>(2)</sup>

Região Metropolitana de Porto Alegre – 2011 a 2017

(em %)



Fonte: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTAS, SEADE, DIEESE e apoio FAT/MTb

Elaboração: DIEESE

Notas: (1) Excluem os serviços domésticos;

(2) Assalariados com carteira de trabalho assinada e servidores estatutários

#### TABELA 2

Proporção dos ocupados na construção inseridos em emprego protegido, por divisões do setor

Região Metropolitana de Porto Alegre – 2011 a 2017

(em %)

Períodos	Total no setor da Construção	Construção e Incorporação de Edifícios	Obras de Infraestrutura	Serviços Especializados para Construção
2011	39,6	37,1	(1)	42,8
2012	40,9	39,4	70,7	37,3
2013	39,4	37,4	(1)	35,7
2014	41,6	39,4	(1)	42,8
2015	41,7	39,7	(1)	43,7
2016	36,9	37,1	(1)	32,5
2017	34,4	34,4	(1)	32,1

Fonte: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTAS, SEADE, DIEESE e apoio FAT/MTb

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Por outro lado, o trabalho por conta própria aumentou ainda mais sua parcela na composição da ocupação no setor. Quase a metade dos trabalhadores da Construção (48,0%) trabalhavam por conta própria em 2017, enquanto nos demais setores essa proporção era de apenas 13,4% (Gráfico 5).

Sempre é importante lembrar que o trabalhador por conta própria não tem os direitos trabalhistas daquele que está em um emprego protegido, além de ter remuneração instável e, em geral, inferior.

Esse percentual da Construção em 2017 é o maior desde 2011, e significou uma elevação de 3,7 pontos percentuais em relação a 2016. Nos demais setores também foi o maior valor da série, mas o aumento no último ano foi de apenas 1,1 p.p. em relação a

2016. No total da região metropolitana, 15,2% dos ocupados eram conta própria.

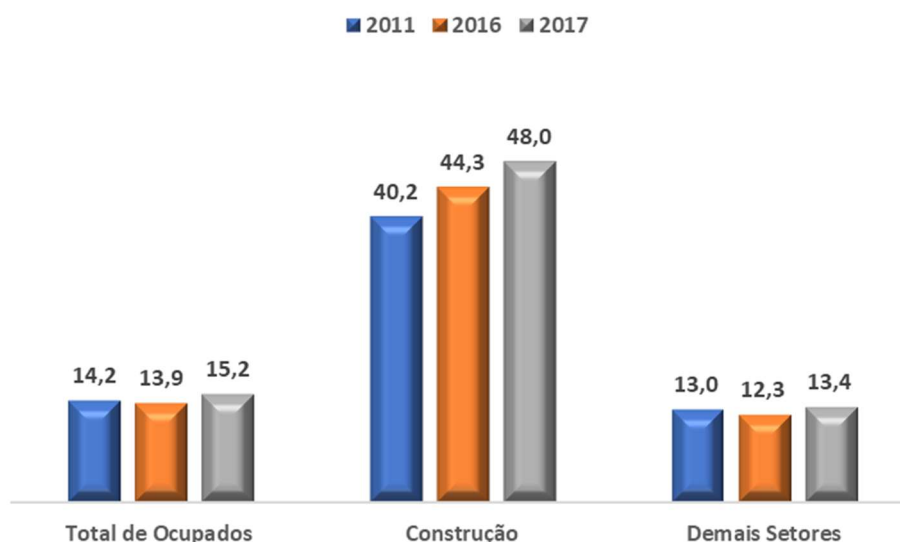
No setor da Construção, a divisão Construção e Incorporação aumentou a proporção de trabalhadores por conta própria (de 41,1% em 2016 para 48,1% em 2017), enquanto nos Serviços Especializados houve redução (de 57,6% para 50,1%), mas ainda mais da metade estava nessa forma de inserção (Tabela 3).

Destaca-se, por fim, a redução na parcela de trabalhadores contratados de forma ilegal (assalariados sem carteira de trabalho assinada), na passagem de 2016 para 2017, mas que ainda representava 8,5% do total dos ocupados na Construção (tabela 41 no anexo estatístico).

#### GRÁFICO 5

**Proporção dos ocupados na construção e nos demais setores inseridos por conta própria**  
**Região Metropolitana de Porto Alegre – 2011 a 2017**

(em %)



Fonte: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTAS, SEADE, DIEESE e apoio FAT/MTb  
Elaboração: DIEESE

**TABELA 3****Proporção dos ocupados na construção inseridos como conta própria, segundo divisões do setor Região Metropolitana de Porto Alegre – 2011 a 2017**

*(em %)*

Períodos	Total no setor da Construção	Construção e Incorporação de Edifícios	Obras de Infraestrutura	Serviços Especializados para Construção
2011	40,2	42,8	(1)	37,1
2012	39,2	41,1	(1)	43,2
2013	40,2	41,1	(1)	48,1
2014	40,5	42,9	(1)	40,5
2015	39,5	40,8	(1)	39,0
2016	44,3	41,1	(1)	57,6
2017	48,0	48,1	(1)	50,1

Fonte: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTAS, SEADE, DIEESE e apoio FAT/MTb  
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

### **Quase a metade dos trabalhadores da Construção não contribuem para a Previdência Social**

Dos trabalhadores da Construção, 43,4% contribuía com a previdência social em 2017. Houve uma variação positiva de 0,2 p.p. em relação a 2016, mas uma elevação significativa de 7,1 p.p. em relação a 2015, que havia sido o menor valor da série (Gráfico 6).

Houve elevação também nos demais setores da economia, de 14,9% em 2016 para 15,6% em 2017. Na média da região metropolitana, 17,7% dos ocupados não contribuíam para a previdência social em 2017 (aumento de 0,8 p.p. em relação ao ano anterior).

Como se sabe, sem contribuir à previdência, o trabalhador não tem acesso a diversos direitos, como auxílio doença, auxílio acidente, licença maternidade/paternidade, e, é claro, à aposentadoria.

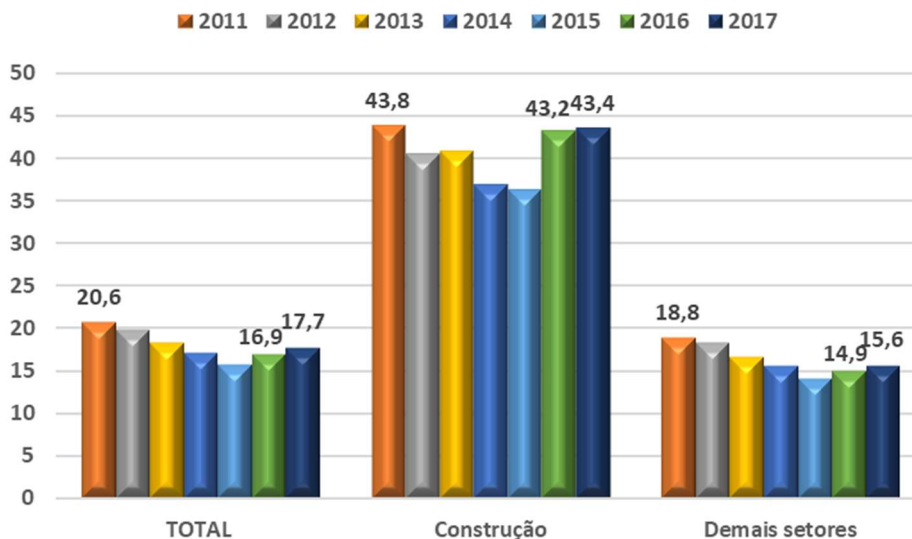
Nesse sentido, ressalta-se o fato de que, além da redução no número de ocupados na Construção nos últimos anos, dos que continuam trabalhando no setor, pouco mais da metade estava coberta contra acidentes e tinham perspectiva de aposentadoria. Ou seja, fica evidente a vulnerabilidade do trabalhador da Construção na situação atual e como perspectiva para o futuro.



## GRÁFICO 6

Proporção de ocupados na construção e nos demais setores que não contribuíam para Previdência  
Região Metropolitana de Porto Alegre – 2011 a 2017

(em %)



Fonte: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTAS, SEADE, DIEESE e apoio FAT/MTb  
Elaboração: DIEESE

### Rendimento médio no setor cai pelo terceiro ano consecutivo

O rendimento médio real por hora na Construção diminuiu 3,5% na passagem de 2016 para 2017, passando de R\$ 11,11 para R\$ 10,72 (Gráfico 7).

Na comparação com os demais setores, a Construção teve o pior desempenho junto com os Serviços (-3,5%), seguido pela Indústria (-2,8%) e Comércio (-0,9%). O ocupado do Comércio foi o que teve o menor rendimento médio por hora da região (R\$ 8,60), seguido pelo da Indústria (R\$ 9,74), Construção (R\$ 10,72) e Serviços (R\$ 11,95). Na média, o trabalhador ocupado da região metropolitana recebia R\$ 10,83 por hora.

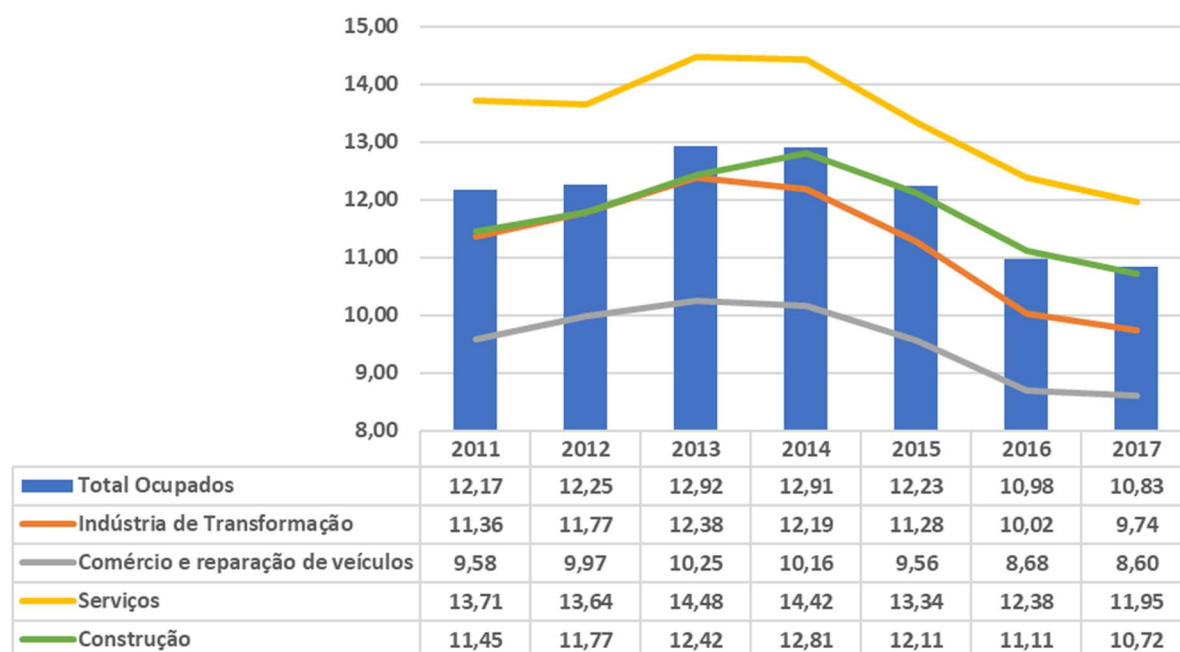
Desde o início da crise econômica o rendimento do trabalhador da Construção diminuiu 16,3% (entre 2014 e 2017). O pior

resultado observado nesse período foi na Indústria (-20,1%), seguido pelos Serviços (-17,1%). O trabalhador do Comércio teve um resultado um pouco mais ameno, dentre os setores analisados, mas mesmo assim o rendimento diminuiu 15,4%.

Na Construção, foi possível obter o rendimento médio apenas do trabalhador da divisão Construção e Incorporação de Edifícios. Houve redução de 4,6% entre 2016 e 2017, atingindo R\$ 10,89 por hora. Desde o início da crise, a redução do rendimento nessa divisão foi de 14,0% (Tabela 29 do anexo estatístico).

## GRÁFICO 7

Rendimento médio real por hora dos ocupados na construção e nos demais setores  
Região Metropolitana de Porto Alegre – 2011 a 2017



Fonte: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTAS, SEADE, DIEESE e apoio FAT/MTb  
Elaboração: DIEESE  
Deflator: IPC/IEPE

### Aumenta a proporção de homens, mas diminui o de chefes de família no setor

Em 2017, a proporção de homens na Construção atingiu o maior nível da série, com 96,8%, representando uma elevação de 1,4 p.p. em relação a 2016 (Tabela 4).

Já a parcela de trabalhadores do setor que eram chefes de família teve pequena redução, de 69,1% em 2016 para 68,8% em 2017 (Gráfico 8). É o menor nível da série iniciada em 2011, que teve o pico em 2013, quando 73,2% dos ocupados na Construção eram chefes de domicílio.

Nos demais setores o movimento foi inverso, com elevação da proporção de chefes de

família de 49,1% em 2016 para 50,1% em 2017, neste caso o maior valor da série.

Esses resultados indicam que na Construção os chefes de família foram mais penalizados com a perda de postos de trabalho que os demais membros, nos últimos anos, principalmente após a crise econômica, por isso houve diminuição proporcional desse contingente. Por outro lado, nos demais setores, a elevação da proporção de chefes sugere que os demais membros das famílias sofreram mais.

**TABELA 4**  
**Distribuição dos ocupados na construção, por sexo**  
**Região Metropolitana de Porto Alegre – 2011 a 2017**

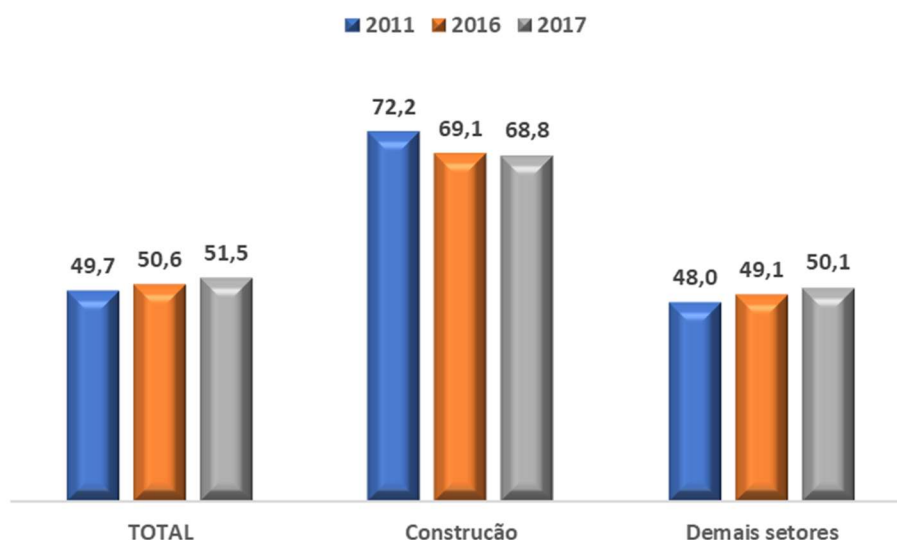
(em %)

Períodos	Total de ocupados no setor da Construção	Homens
2011	100,0	95,9
2012	100,0	94,9
2013	100,0	94,8
2014	100,0	94,9
2015	100,0	94,7
2016	100,0	95,4
2017	100,0	96,8

Fonte: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTS, SEADE, DIEESE e apoio FAT/MTb  
Elaboração: DIEESE

**GRÁFICO 8**  
**Proporção de chefes de família entre os ocupados na construção e nos demais setores**  
**Região Metropolitana de Porto Alegre – 2011 a 2017**

(em %)



Fonte: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTS, SEADE, DIEESE e apoio FAT/MTb  
Elaboração: DIEESE

### Pequeno aumento da proporção de trabalhadores com menor escolaridade

Houve uma pequena elevação da proporção de trabalhadores da Construção com ensino fundamental incompleto. Em 2017, esse grupo representava 45,4% dos ocupados

no setor, aumento de 1,3 p.p. em relação ao ano anterior (Tabela 5).

Esse patamar, porém, é bem inferior ao valor máximo, observado em 2011, quando

mais da metade dos ocupados da Construção estava nesse grupo (52,2%).

Também aumentou a parcela de trabalhadores com ensino fundamental completo ou médio incompleto, de 27,0% em 2016 para 27,5% em 2017. Por outro lado, diminuiu a proporção de ocupados com o ensino médio completo ou superior incompleto (de 24,0% para 22,9%).

Nesse sentido, os dados indicam que os ocupados de maior escolaridade diminuiram seu contingente, possivelmente por impactos principalmente em segmentos de comando, pois, inclusive, não foi possível estimar o número de trabalhadores do setor com ensino superior completo nos últimos anos.

**TABELA 5**

**Distribuição dos ocupados na construção, segundo escolaridade  
Região Metropolitana de Porto Alegre – 2011 a 2017**

(em %)

Períodos	Total de ocupados no setor da Construção	Escolaridade				
		Analfabeto	Ensino fundamental incompleto (1)	Ensino fundamental completo+médio incompleto	Ensino médio completo+superior incompleto	Ensino superior completo
2011	100,0	(2)	52,2	23,5	18,4	4,5
2012	100,0	(2)	50,4	24,3	19,8	(2)
2013	100,0	(2)	50,6	21,9	22,2	(2)
2014	100,0	(2)	44,3	25,4	24,3	(2)
2015	100,0	(2)	44,9	24,7	22,5	6,7
2016	100,0	(2)	44,1	27,0	24,0	(2)
2017	100,0	(2)	45,4	27,5	22,9	(2)

Fonte: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTAS, SEADE, DIEESE e apoio FAT/MTb

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui os alfabetizados sem escolaridade; (2) A amostra não comporta desagregação para esta categoria

A divisão Construção e Incorporação de Edifícios seguiu a mesma tendência, com elevação da parcela de ocupados com ensino fundamental incompleto (de 48,8% em 2016 para 49,7% em 2017) (Gráfico 9). Vale destacar que esse percentual é superior ao do conjunto do setor.

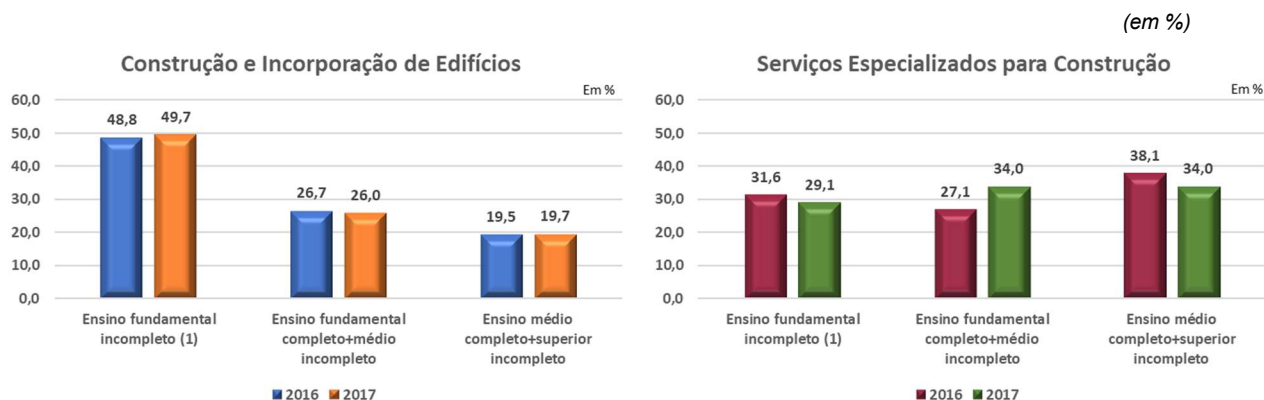
Aqueles com fundamental completo ou médio incompleto, porém, diminuiram 0,7 p.p. na composição da divisão, enquanto os com ensino médio completo variaram positivamente em 0,2 p.p..

Já na divisão Serviços Especializados para Construção, houve elevação da proporção de ocupados com ensino fundamental completo ou médio incompleto, atingindo o pico de sua série (34,0%). Os ocupados com médio completo ou superior incompleto, apesar da redução (de 38,1% para 34,0%), ainda representa cerca de 1/3 do total da divisão.

Por fim, a parcela dos ocupados da divisão em questão com ensino fundamental incompleto diminuiu 2,5 p.p. e atingiu o menor valor da série (29,1%).

## GRÁFICO

Distribuição dos ocupados na construção, por escolaridade, segundo divisões do setor  
Região Metropolitana de Porto Alegre – 2016-2017



Fonte: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTAS, SEADE, DIEESE e apoio FAT/MTb

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui os alfabetizados sem escolaridade.

Por fim, segundo distribuição por faixa etária, destacam-se a redução de 3,1 p.p. na proporção dos ocupados entre 25 e 29 anos de idade (de 11,0% para 7,9%), menor valor da série, e o aumento de 2,6 p.p. daqueles com 50 a 59 anos de idade (de 21,0% para 23,6%) (Tabela 6).

Também a faixa de 30 a 39 anos atingiu seu maior valor da série (26,0%), enquanto os com 60 anos de idade ou mais diminuiu (para 8,5% do total).

Apesar dessa ampla variabilidade da ocupação pelas faixas etárias, é possível

observar uma tendência de redução da parcela de jovens (de 16 a 24 anos de idade), quando se observa os últimos anos, enquanto nas demais faixas não há tendências evidentes. Por um lado, é possível que os desligamentos no setor, principalmente após a crise econômica, tenham atingido principalmente os jovens, e por outro lado, esse setor tem se tornado cada vez menos a porta de entrada desse grupo no mercado de trabalho, que buscam oportunidades menos precárias para sua inserção.

TABELA 6

Distribuição dos ocupados na construção, segundo faixa etária  
Região Metropolitana de Porto Alegre – 2011 a 2017

(em %)

Períodos	Total de ocupados no setor da Construção	Faixas Etárias						
		14 e 15 anos	16 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 59 anos	60 anos e mais
2011	100,0	(1)	15,0	10,3	21,3	23,3	22,8	7,3
2012	100,0	(1)	15,1	10,5	22,7	22,7	22,0	6,9
2013	100,0	(1)	14,3	11,1	22,2	22,8	22,2	7,2
2014	100,0	(1)	13,2	11,0	22,1	24,4	21,0	8,1
2015	100,0	(1)	14,7	9,3	23,5	22,5	22,1	7,9
2016	100,0	(1)	10,9	11,0	24,0	23,2	21,0	9,9
2017	100,0	(1)	11,5	7,9	26,0	22,5	23,6	8,5

Fonte: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTAS, SEADE, DIEESE e apoio FAT/MTb

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria

**Esta edição do Boletim Trabalho e Construção na Região Metropolitana de Porto Alegre mostrou a continuidade da deterioração das condições do trabalhador nesse setor. Apesar da pequena elevação da ocupação (meros 2 mil pessoas a mais), houve redução da proporção daqueles em empregos protegidos, aumento proporcional dos trabalhadores por conta própria e diminuição daqueles que contribuíam com a previdência social.**

O rendimento médio do trabalhador na Construção foi o que mais retraiu em 2017, em relação ao ano anterior, juntamente com os Serviços (-3,5%), acumulando redução de 16,3% desde o início da crise econômica. Com isso, o rendimento por hora atingiu o valor de R\$ 10,72.

Destaca-se, por fim, que essa situação toma proporções maiores quando se observa a representação de chefes de família que estão no setor, ou seja, que têm maior responsabilidade no sustento financeiro em seus domicílios. Isto é, a deterioração das condições do trabalhador na construção acaba se espraiando para outras dimensões que não apenas econômicas, mas também sociais.

Para acompanhar informações do Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego/DIEESE, para o setor da Construção, além deste Boletim, e de outros setores, há um amplo conjunto de indicadores disponibilizados de forma pública em: <https://www.dieese.org.br/analisePED/ped.html>